

Falta espaço no HBB para os transplantados

DF Saúde
Mesmo havendo órgãos, não há onde deixar os pacientes após a cirurgia

O Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) sofre com filas enormes para transplantes de córnea e de rim. Para córnea, são 1.400 pessoas na fila. E cerca de 170 esperam por um rim. E o pior é que não faltam órgãos, o que falta é espaço para colocar os pacientes do pós-operatório.

No momento, são 24 leitos de UTI no hospital, seis a mais do que há três meses, abertos para cuidar dos pacientes de hantavirose. Mais quatro devem ser abertos, ainda este mês, elevando o número a 28.

Há cerca de quatro meses, em reunião entre o diretor do HBDF, José Carlos Quináglia, o presidente do Sindicato de Construção Civil do DF, Juvenal Batista Amaral e representantes da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, foi decidido que as construtoras do DF se uniriam para fazer a reforma do terceiro andar do hospital, transformando os 18 leitos da UTI em 38. Mas essa reforma ainda não saiu do papel.

De acordo com Juvenal Amaral, a demora deveu-se a dificuldades com o projeto, por causa das normas de segurança hospitalar. Ele promete, porém, que as obras começarão até o fim do mês, e durarão cerca de 60 dias.

Além do problema dos leitos para abrigar os recém-operados, o diretor do HBDF, José Carlos Quináglia, aponta o fato de serem 19 as especia-

lidades a utilizarem o centro cirúrgico. São 10 mil operações por ano, cerca de 30 por dia.

— Nós não podemos priorizar apenas o transplante. Todas as cirurgias de urgência, que são cerca de 50% do que fazemos, têm prioridade. Com tudo isso, conseguimos fazer seis transplantes por semana — afirma o diretor.

Além das cirurgias de urgência, dentro dos próprios transplantes de córnea há prioridades. Pessoas com menos de 24% de acuidade visual passam na frente. Ao todo, são 94 das 1.400, e nem mesmo elas têm conseguido a operação com muita rapidez.

Para resolver o problema, o diretor dá algumas soluções, além da criação de vagas na UTI. Um deles é o aumento da estrutura física. Depois de pronto, o Plano Diretor do HBDF — previsto para daqui a dois meses — deve ajudar a resolver essa questão.

— Uma conclusão a que a empresa contratada para fazer o plano chegou foi de que o hospital é muito pequeno para todas as especialidades que comporta. Uma das obras a ser feita é a construção de uma lâmina para atender procedimentos de alta complexidade, que pode englobar os transplantes — diz Quináglia.

Outro problema, sem solução imediata, é o fato de que 61% dos pacientes na fila para transplante são de fora do DF.